

A "FOSCA" E FREUD

MILTON DUARTE SEGURADO

Quando Carlos Gomes tinha oito anos (1844) foi encontrada a sua mãe, Fabiana, (Nhá Biana), morta a tiros e punhaladas, no jurumbeval, situado atrás da casa em que residia (na hoje rua Regente Feijó) e onde se ergueu posteriormente a já demolida Escola Correia de Melo.

Jamais se identificou a pessoa responsável pelo homicídio doloso, pesando suspeitas, na ocasião, sobre o próprio marido. Maneco Músico, inocentado por um "álibi" — jogava cartas com um compadre. (O vício do jogo, herdou-o Carlos Gomes do pai; é público e notório que perdeu na roleta o dinheiro ganho com "O Guarani").

O assassinio da mãe marcou de tal maneira o menino Tonico que, mais tarde, narrou ter-lhe aparecido a visão, em pleno dia, em um barranco, de sua mãe, que lhe acenava, chamando-o. Não interessa tratar aqui a mensagem que do além lhe trazia o espírito da falecida — já comentada na melhor biografia curta que existe sobre Carlos Gomes, escrita e publicada na Revista do Centro de Ciências, por Benedito Otávio — é a do Dr. Paulo Cerqueira, publicada pela "Inteligência".

Haveria, na obra gomesiana, indício, pequeno que fosse, a assinalar esta tragédia, já em si tão cruel, e mais marcante ainda por se tratar de tão sensível criança — e com alma de artista? E sabendo-se mais ainda que "nihil est in intellectuquod prius non erit in sensu"?

A mais perfeita ópera do campineiro é a "Fosca", a melhor instrumentada, repleta de veracidade, romântica no fundo mas tocada de traços bem realistas na protagonista — obra que compoz para si mesmo, com inteira liberdade de idéias e estilo. A "Fosca", sua quarta ópera, é de 1873, completa agora o seu centenário e precede de três anos "La Gioconda" (1876) e "Carmen". É profetizadora, pois, do verismo (realismo italiano) e antecipa o wagnerismo de Puccini, notadamente o da "Tosca". Era a preferida do autor e foi, assim, dedicada à pessoa que mais venerava neste vale de lágrimas: Santana Gomes — seu ÚNICO IRMÃO UTERINO, ou seja, o outro filho, mais velho, da MÃE ASSASSINADA.

Sempre mal servido de textos, ajudou-o muito, nesta legítima obra-prima, o bom libreto de Ghislanzoni, o libretista capaz de "Aida". Não tendo a disposição um Metastasio, nem um Boito, sequer um Lorenzo da Ponte, libretista de Mozart — foi este o melhor libreto de que dispôs Carlos Gomes em toda a sua carreira. Com a "Fosca" conseguiu o compositor o máximo que lhe seria possível: conseguiu ser discutido...

Escreve Mário de Andrade na "Revista Brasileira de Música", número especial do centenário (1936), pg 251-263; ... "a 'Fosca' tem um valor intrínseco excepcional" (...) (com que Carlos Gomes) "pretendeu se elevar ACIMA DE SI MESMO e do seu tempo"... "Ele se iguala a muitas óperas (...) de Verdi, de Bellini, de Weber, de Wagner". (...) "E os que citei eram todos gênios de primeira grandeza, o que Carlos Gomes não foi".

ELEVAR-SE ACIMA DE SI MESMO!... Melhor que elevar-se acima de Giuseppe Verdi!...

A tragédia por que passou, em menino, parece inserir-se no enredo e música da "Fosca" — drama violento de sangue e vingança.

Carlos Gomes, filho legitimado por posterior casamento, era fruto de paixão romântica, — romântico ele mesmo e de tipo exaltado. Embora não viciado como Dostoiévski, perdeu no jogo o dinheiro que apurara com "O Guarani". No fim da vida teria que pender para o verismo, e sua "Oda-léia" (ex-Côndor) devia ser a obra máxima, de enredo fantástico, tal conto-de-fadas (tipo "Euryanthe" e "Lohengrin"), não ficasse ela enterrada para sempre pelo absurdo libreto de Mário Cânti.

Santana Gomes representava para o autor de "Lo Schia-vo" o papel de pai; era o seu pai, subjetivamente considerado, ou, se preferem, inconscientemente. Assim, tinha que lhe oferecer a sua filha predileta, a "Fosca", dramã que trata do rapto das noivas venezianas pelos corsários de Gaiolo.

"Fosca" — rapto, banditismo, estupro, violência, sangue, paixão e vingança...

Escrito "O Guarani" para o público, almejando glória, tendo obtido, compoz, a "Fosca" para si mesmo, sobre um bom libreto (em relação aos outros que musicou...) e completa independência de idéias e composição, resultando uma obra incompreendida e atacada, que colocou sob debate o seu nome de compositor. Com "Salvador Rosa", regrediu, compondo uma ópera ao gosto popular, um "pot-pourri" de melodias napolitanas. (Cfr. o prefácio de Paulo Cerqueira para o "Carlos Gomes" da edição "Inteligência").

Para Freud, teve Napoleão os seguintes "pais", além do seu próprio: — o rei de França, o aventureiro Paoli, e seu próprio irmão (de Napoleão), José. Napoleão odiava o próprio pai (no caso, o marido da mãe). E em seu Código, o Código Civil dos Franceses, que leva o seu nome, proibiu a investigação de paternidade. (Emil Ludwig: "Freud desmascarado", José Olímpio, Rio, 1948 pg 142-153).

Visitando Ludwig, em 1927, a Freud, em Viena, perguntou-lhe este: "Qual era o irmão dileto de Napoleão? — Luciano, respondi. Retrucou Freud: — Não, José. (...) — Está bem, José. Mas que houve com este? — José o irmão mais velho, ocupava no sentimento de Napoleão o lugar do pai, representava o pai... (...) Porque via em José o pai, Napoleão desposou uma mulher que se chamava JOSEFINA, e partiu para o Egito (a terra de José). Pareceu-me — escreve o biógrafo de Beethoven — estar sonhando. Diante de Freud, porém, isto seria perigoso..." (Emil Ludwig, op. cit., pg 200-201).

Carlos Gomes amava o irmão Santana (Juca) — também compositor da ópera "Alda" e diversas peças sacras, talvez de cunho mais clássico que romântico; amava-o como o filho ama o pai. Era o filho mais velho da mãe assassina-da, que lhe aparecera para lhe contar de seu próprio homicídio. Era o seu único irmão uterino, de quem talvez esperasse o que faltara de amor materno.

Espírito superior, teve Carlos Gomes, pelo menos uma vez, ligação direta com o sobrenatural (que é coisa mais natural que há no mundo...), quando lhe apareceu o espírito de Nhá Biana. E deu toda a força de sua inspiração de grande músico ao compor a "Fosca", oferecendo a filha predileta ao irmão pai.

Ao ouvirmos o Prelúdio da "Fosca" sentimos a presença invisível de um ser trágico, de alguém que vai morrer, vai perecer tragicamente, é aquele tema penetrante e dramático que se destaca da trama orquestral, confiado, creio, ao oboê... tema genial, digno de um Wagner...

E agora a pergunta para a qual não temos ainda resposta:

— Não seria o tema da "Fosca", o "lei-motiv" INCONSCIENTE que representa em sua obra a mãe ASSASSINADA?

P.S. — O cronista desta secção intima todos os leitores que amam a música a não perder a conferência, a ser pronunciada 3.a feira próxima dentro da "Semana Carlos Gomes", na sala vermelha do Paço, pelo crítico musical de "O Estado de São Paulo" e profundo conhecedor de música e discos, Dr. José da Veiga Oliveira, sobre "A obra pianística de Carlos Gomes". Alguns sabem escrever; mas não entendem de música. Outros — o que é pior — entendem de música e escrevem mal. O jornalista e musicólogo, advogado e filólogo, José da Veiga Oliveira, é depois de Carpeaux, quem melhor escreve atualmente na imprensa brasileira sobre música. Melhor ainda que Muricy. Quem não for se arrepende.

diário do Povo - 9-IX-1973